

# EVANGELIZAÇÃO

## Reflexão a partir de Lutero e no contexto ecumênico protestante mundial

Walter Altmann

Palestra proferida na VIII Semana de Reflexão Teológica, realizada de 7 a 10 de outubro de 1975, em São Leopoldo, pela Faculdade de Teologia Cristo Rei (UNISINOS) e pelo Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

### I

#### **A controvérsia quanto à evangelização no cenário ecumênico protestante mundial**

“Uma evangelização relevante dependerá de uma mudança radical de atitude, pensamento, expressão e vida interna e ecumênica das igrejas . . . O único caminho arrojado é o caminho do diálogo com o mundo moderno . . . O diálogo é uma forma de existência, a forma do Senhor encarnado como servo, vivendo entre seres humanos, sendo aberto e vulnerável a eles. É o caminho da Cruz . . . A autenticidade de nossa evangelização dependerá de nossa disposição de assumir este risco de fé, de amor constante para com os seres humanos, hoje em dia.”

Essas palavras de Philip A. Potter (1), secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, proferidas a 10 de outubro de 1974, em Roma, no Sínodo Mundial dos Bispos, representam uma tentativa de compreender com igual intensidade a proclamação da palavra e a ação cristã como integrantes da tarefa da evangelização. “Palavra e ação, proclamação e serviço, teologia e práxis, contemplação e luta, esperança paciente e engajamento urgente, encontram-se indissolúvelmente atados no ritmo correto da evangelização” (2).

1. Philip A. Potter, “Evangelização no mundo moderno”, em *Libertação*, CEI—Suplemento 10 (dezembro de 1974), Rio de Janeiro, pág. 39.

2. *Ibidem*, pág. 40.

Sabemos que no movimento ecumênico mundial, pelo menos no não-católico, a preocupação por essas duas grandezas, proclamação e ação, que Philip Potter expõe como interligadas, registra não só uma tensão, como ameaça até mesmo cindir os cristãos. O movimento ecumênico teve seu nascedouro na preocupação missionária, no conjugamento de esforços de diferentes igrejas protestantes para levar Cristo ao mundo inteiro. Embora saibamos hoje que o empenho missionário esteve, consciente ou inconscientemente, ligado à expansão colonialista do mundo ocidental, sua autocompreensão era preponderantemente de proclamação da palavra, de transformação do indivíduo pelo poder do Evangelho, de estabelecimento do senhorio de Jesus Cristo sobre o mundo pagão. A cooperação das igrejas entre si, no entanto, acarretou paulatinamente também atenção e abertura para o mundo circundante, para os próprios condicionamentos, para novas culturas e outras religiões. Particularmente no último decênio despontou uma intensa percepção das implicações econômicas, sociais e políticas da estrutura e da vida das igrejas, bem como de sua proclamação do Evangelho.

Tal tomada de consciência, para um movimento que tinha partido de um entusiástico impulso missionário, não ocorreu sem dor e sem reconhecimento de culpa pela infidelidade das igrejas ao Evangelho que proclamavam, e pelos crimes cometidos pelas nações de que provinham os missionários. Percepção analogamente dolorosa está ocorrendo nas igrejas dentro do próprio mundo ocidental e tido como cristão. Também aí cristãos e igrejas passam a se reconhecer como co-responsáveis por situações desumanas e injustas.

O impulso missionário original do movimento ecumênico transforma-se. Reconhecimento de culpa, reformas internas, diálogo com outras religiões, responsabilidade pelos problemas do mundo, engajamento político e social passam ao primeiro plano da obra evangelizadora. Não mais uma igreja segura de si mesma proclama com urgência escatológica a um mundo perdido a mensagem da salvação, mas uma igreja hesitante quanto à sua identidade procura reencontrar-se no mundo. De forma extremada poder-se-ia dizer que a evangelização substitui a missão, entendendo-se que a própria Igreja passa a ser objeto de sua obra missionária. O relacionamento da Igreja para com o mundo fora dela se expressa em termos de solidariedade e ação, mais do que de proclamação.

Eis que se levanta de dentro das igrejas protestantes, inclusive das integrantes do Conselho Mundial de Igrejas, uma reação a essa tendência. Trata-se de um movimento de assim chamados evangelicais, de surgimento mais ou menos espontâneo, cujo grande evento congregador foi o gigantesco Congresso Internacional para Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, na Suíça, em julho de 1974. A entrada, um enorme relógio eletrônico registrava o número de nascimentos em todo o mundo, desde o início do congresso, a fim de enfatizar a urgência da obra de evangeliza-

ção mundial. Nesse movimento, levanta-se, em maior ou menor grau, a suspeita e a acusação de que o movimento ecumênico mundial, em particular o Conselho Mundial de Igrejas, se distanciou de sua tarefa precípua da proclamação do Evangelho, tornando-se infiel ao mandato de seu Senhor Jesus Cristo, dissolvendo-se no mundo que deveria evangelizar.

É bem possível que essa tensão ultrapasse os limites do protestantismo e possa ser constatada, a seu modo, também no catolicismo. Quanto ao mundo protestante, pode ser observado nos mais diversos continentes e até mesmo na vida interna das diversas igrejas. No Brasil há igrejas protestantes, como as pentecostais, que desenvolvem intensa atividade missionária de proclamação, com uma postura anti-ecumênica, particularmente anti-católica. Empenham-se por uma ação social caritativa, são porém marcadamente indiferentes quanto às estruturas sociais, econômicas e políticas (3). Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) só esporadicamente se encontrará uma atividade com tônica anti-católica, mas há dentro dela em aberto a seguinte questão: a ênfase de sua obra deve ser colocada na pregação do Evangelho que transforma pessoas ou o momento e a situação atuais à luz do Evangelho requerem antes novas formas de ação solidária e comunitária, conjuntamente com um processo de conscientização. Para os partidários desta última alternativa a atividade dos adeptos daquela pregação será alienante, enquanto inversamente se levanta a acusação de abandono da obra específica de Cristo em favor de projetos humanos auto-suficientes. Naturalmente, onde há alternativas, também há toda uma gama de posições intermediárias, bem como tentativas de conciliação.

Não pretendemos, porém, fornecer uma descrição do protestantismo brasileiro nem em particular da IECLB, mas perguntar se a teologia luterana, em especial a de Lutero mesmo, teria uma contribuição a dar quanto à problemática em questão. Com o contexto delineado como pano de fundo, consultemos, pois, retrospectivamente a teologia de Lutero.

## II

### A primazia da Palavra de Deus em Lutero

Historicamente a obra de Lutero se desenrola num tempo caracterizado por transformações profundas em todas as esferas, políticas, sociais, culturais, também religiosas. Na cristandade havia já de longa data um anseio pela reforma dentro da Igreja. De modo algum Lutero foi o primeiro a atacar os abusos da Igreja de seu tempo. O que fez de Lutero aquele que a História haveria de designar como Reformador, embora ele mesmo não se auto-compreendesse assim, não foram seus projetos de reforma, mas a per-

3. Uma exceção entre os pentecostais é o Movimento "O Brasil para Cristo".

sistência com a qual sempre localizou a fonte de todos os abusos na negligência para com a Palavra de Deus. Num escrito provavelmente já do ano de 1512 Lutero observa que todos os pecados da Igreja são perdoados e não pesam tanto quanto o não-oferecimento da Palavra (4). Sem a Palavra os projetos e as realizações podem ser grandes, contudo não serão nada. Aí reside, como observa, o “nú das coisas” (5). Dois são então os grandes empecilhos para a reforma na Igreja: a sobreposição de determinações humanas sobre a Palavra de Deus, cuja pregação era relegada absolutamente a segundo plano, e a falta de um arrependimento verdadeiro (6).

Embora Lutero fosse nesse ponto particularmente crítico para com as autoridades eclesiásticas, de modo algum isentava o povo de responsabilidade. Por exemplo, responsabilizava-o por não pedir a Deus de coração contrito e confiante pela pregação reta da Palavra. Numa exposição do Pai Nosso, a oração do Senhor, do ano de 1519, em que identifica o pão cotidiano, pelo qual devemos pedir, com a Palavra de Deus, Lutero observa em estilo característico: “Se tu, portanto, vês bispos, sacerdotes ou monjes ignorantes e imprestáveis, não debes praguejar, julgar ou suspeitar, mas debes ver neles nada menos do que uma terrível praga de Deus, com a qual ele pune a ti e a nós todos, porque não oramos o Pai Nosso e não pedimos junto a Deus o nosso pão diário . . . A culpa reside muito mais em nós do que neles . . . Tu debes saber que Deus jamais puniu mais severamente o mundo do que com dirigentes cegos, ignorantes; através deles fica de lado a Palavra de Deus, e assim nosso pão, e nós temos que sucumbir. Deixa os turcos serem turcos; esta praga é maior! Ai de nós, se não a reconhecemos e não pedimos seu afastamento! Inversamente Deus jamais foi tão misericordioso para com o mundo como quando deu superiores espirituais sábios e inteligentes, através dos quais sua Palavra foi trazida em grandes reservas e uso diário. Pois a cristandade e cada uma das almas cristãs é nascida na Palavra de Deus e através dela; por isso também tem que ser por ela nutrida, mantida e protegida” (7).

O cristão individualmente como também a Igreja são, autenticamente, criaturas da Palavra de Deus. Essa idéia Lutero não se cansou de repetir. Isso porque a Palavra “reporta a Cristo, a ele que é a própria Palavra. Lutero lembra João 6, onde o pão dado do céu é o próprio Cristo. “Assim vês em que consiste esse pão diário: Cristo é verdadeiramente este pão. Mas ele não te serve para nada, tampouco o podes provar, a não ser que Deus o torne em palavras, de modo que o possas ouvir e portanto conhecer”

4. Hans Joachim Iwand, *Luthers Theologie* (Nachgelassene Werke, vol. 5, München, 1974), pág. 205.

5. Bernhard Lohse, *Lutherdeutung heute* (Göttingen, 1968), pág. 13.

6. *Ibidem*, pág. 15.

7. WA II, 110,26-111,6 (Exposição alemã do Pai Nosso para os leigos simples, 1519; o texto encontra-se publicado também no volume da Calwer Luther-Ausgabe e no volume 40 da coleção de bolso Siebenstern). Nesta citação, como nas demais, não nos interessa o juízo histórico nela implicitamente contido, mas o destaque explicitado à Palavra de Deus.

(8). Por isso a negligência para com a pregação significa a não-transmissão de Cristo. Por isso também aceitação de Cristo é a aceitação dessa Palavra, na qual Deus o tornou. Contudo, Lutero não é subjetivista. A iniciativa toda cabe ao próprio Deus. A Palavra é a constante divina em todas as mutações do homem e do mundo. Embora assuma na proclamação a forma de palavras humanas, essas também mutáveis, seu sujeito é e permanece sendo Deus (9). Trata-se de uma Palavra estranha a nós, que nos vem de fora, por cuja vinda nós devemos orar. A Palavra é então o senhorio de Cristo sobre o mundo. Diz Lutero: “Vemos diariamente como ele (Cristo) age contra o pecado, os pecadores e os diabos tão-somente com palavras e contudo com a mesma Palavra converte e submete a si todo o mundo” (10).

Vemos, portanto, que para Lutero a proclamação dessa Palavra é qualitativamente outra coisa do que ensino de conhecimentos bíblicos ou doutrinários. Mesmo quando emprega o termo “doutrina”, Lutero tem em mente a presença eficaz e livre do próprio Cristo. Daí a dignidade do ministério da pregação, que “é o ministério mais elevado de todos, ao qual todos os demais estão sujeitos e seguem” (11). “A obra e a honra do ministério da pregação consistem em que faz de pecadores santos puros, de mortos vivos, de condenados bem-aventurados, de servidores do diabo filhos de Deus” (12). Um concílio pode abater grandes galhos ou até mesmo árvores más inteiras (isto é, fazer reformas profundas), mas tudo depende de que haja pregadores que “plante e cultivem arvoretinhas e arbustos nos jardins”: estes mantêm a Igreja (13).

Segundo Lutero, teriam, portanto razão os evangélicos ao enfatizar hoje a proclamação oral do Evangelho contra uma ênfase na ação sócio-política? Ou, questionando Lutero: não seria ele um dos grandes responsáveis por um cristianismo de palavra, que ignora a preocupação pela vida concreta, física, dos homens? Poder-se-ia ter corroborada essa impressão, quando Lutero expõe em 1519 o Pai Nosso. Ao abordar a quarta prece — o pão nosso de cada dia nos dá hoje —, Lutero estabelece uma relação com as três preces anteriores e afirma que quando se pede pela santificação do nome de Deus entre nós e pela vinda de seu Reino, e este vem por sua Palavra, quando pedimos que nossa vontade ego-cêntrica seja quebrada, para que se faça a vontade dele, então precisamente o crente é jogado em tribulações e temores. Sua experiência concreta não será de progressos e êxitos, mas a cruz. Levanta-se então a resistência do velho Adão e o cristão tem a impressão “de estar abandonado e entregue aos demônios e homens maus, como se não houvesse um Deus no céu que o quer conhecer e ouvir. Aí então existe a verdadeira fome e sede da al-

8. WA II, 113,35.

9. Iwand, o. c., pág. 221.

10. WA I, 695,3.

11. WA XI, 415,25.

12. WA XXX/II, 555,21.

13. WA L, 617,17-24.

ma, que anseia por consolo e ajuda; e esta fome é muito mais pesada do que a física” (14). Por isso então a oração pelo pão nosso de cada dia, sob o qual se deve subentender a santa Palavra de Deus como nosso único amparo e conforto. Não pedimos, portanto, “em primeiro lugar por um pão comum, . . . terreno, mas por um pão celeste, espiritual” (15). Esse pão, que em última análise é o próprio Jesus Cristo, ninguém pode angariar por próprio esforço, “nem pelo estudo, nem pelo ouvir nem ainda pelo perguntar nem pelo procurar. Pois quando se trata de conhecer a Cristo, todos os livros são muito poucos, todos os professores muito pequenos, toda razão embotada; somente o próprio Pai tem que revelá-lo e dá-lo a nós” (16). Por isso devemos pedir por ~~ele~~ em oração: dá-nos.

Semelhantemente ocorre quando olhamos a interpretação de Lutero para a segunda prece: “Venha o teu Reino”. Essa oração, segundo Lutero, implica num profundo e assustador reconhecimento de culpa: o Reino de Deus não está entre nós, nós ainda estamos em terra estranha e entre cruéis inimigos. Os únicos culpados dessa situação somos nós mesmos que impedimos o senhorio divino, ao não acatarmos sua Palavra. Contudo, a prece também é consoladora, porque não nos deixa desesperar e nos ensina a pedir confiando na promessa divina de seu Reino. Em seu Catecismo Menor, que tem sido nas igrejas luteranas a base do ensino confirmatório, Lutero explica como se realiza a vinda do Reino de Deus a nós: “Se o nosso Pai celeste nos dá o seu Espírito Santo, para que creiamos por sua graça na sua santa Palavra e vivamos uma vida divina, aqui temporariamente e lá eternamente” (17).

Eu dizia que poder-se-ia ter a impressão de terem razão os evangélicos. No entanto, tendo caído a palavra “vida divina” já temos um primeiro sinal de que o conceito de Palavra de Deus é em Lutero mais rico que esperam os evangélicos ou receiam seus adversários. Não se trata de um exclusivismo de palavras orais, cuja aceitação interior e proclamação exterior servissem de sucedâneo para uma vida autêntica e completa. Ao contrário, a primazia da Palavra de Deus é em Lutero o estabelecimento da premissa indispensável para que uma vida autêntica e plena se realize. A Palavra de Deus não é mero conceito ou discurso que diga respeito à capacidade intelectual ou emotiva do homem, mas proclamação e estabelecimento do senhorio de Cristo. Como Cristo é indissolivelmente Palavra-ação de Deus, assim a fé em Cristo implica indissolivelmente em proclamação e vida. A Palavra de Deus tem um conteúdo pessoal vital. Ela abate e fortalece.

De modo algum a Palavra de Deus é em Lutero algo abstrato ou espiritualizado. Bem pelo contrário, com a Palavra de Deus ir-

14. WA II, 106,14.

15. WA II, 109, 2 e 5.

16. WA II, 111,35-112,1.

17. Catecismo Menor, *Die Bekenntnisschriften der evangelisch-lutherischen Kirche* (abaixo abreviado para BSELK; 4.<sup>a</sup> ed., Göttingen, 1959), pág. 513,11.

rompe em nosso mundo o novo mundo, em contraste com os poderes aqui dominantes (18). Há então dois reinos em luta: o reino do diabo e o Reino de Deus. Os cristãos participam de ambos. Como os israelitas no Egito, trabalham penosamente esta terra e sofrem nela. Este reino é caracterizado pelo pecado, pela desobediência e pela injustiça. Em si mesmos, porém, os cristãos lutam contra o reino do diabo, em favor do Reino de Deus, caracterizado pela justiça e pela verdade. E portanto oram pelo Reino de Deus “com palavras, corações e obras” (19). Abre-se assim “uma fenda no reino do diabo” (20). Embora no presente haja a pugna e esta se torna em tribulação para o cristão, não é mais incerto de quem será a vitória. O cristão pode se apegar à promessa de Deus. “O Reino de Deus é aqui iniciado e cresce; apenas naquela vida, porém, será consumado” (21).

Semelhantemente, embora destacando a Palavra de Deus, Lutero tampouco tinha interesse algum em contrapor a Palavra às necessidades elementares de nossa vida física. Por isso mesmo em sua explicação dos Catecismos Menor e Maior Lutero já pode dar uma interpretação bem material ao conceito de pão da quarta prece do Pai Nosso: “tudo o que pertence ao sustento e às necessidades da vida, como, por exemplo: comida, bebida, vestuário, calçados, casa, lar, campo, gado, dinheiro, bens, cônjuge fiel, filhos piedosos, criados fiéis, superiores piedosos e de confiança, bom governo, bom tempo, paz, saúde, disciplina, honra, amigos sinceros, bons vizinhos e cousas semelhantes” (22).

Assim tampouco a proclamação da Palavra poderá estar voltada exclusivamente para o indivíduo ou ser espiritualizada. A Palavra de Deus é eminentemente crítica ao mundo, e o seu ministério portanto profético. “Isto faz parte de um pregador: que ele abra a boca liberal e confiadamente, isto é, pregue a verdade e o que lhe é incumbido, não cale nem murmure, mas confesse sem timidez e destemidamente, sem distinção de pessoa e sem poupar, proclamando-a secamente, atinja a pessoa ou coisa qualquer. Pois isso prejudica enormemente um pregador, se ele quer olhar a seu redor, preocupar-se se vai agradar ou não, ou então a respeito do que lhe poderia acarretar desgraça, dano ou perigo; ao contrário, deve falar livremente e não temer ninguém, mesmo que enxergue certas pessoas e cabeças; não deve ter papas na língua, não observar senhores nem nobres, sejam misericordiosos sejam coléricos, não atentar para dinheiro, riqueza, honra, poder nem vergonha, pobreza e prejuízo. E não cogite nada além de falar o que seu ministério exige, em cuja causa ele aí está” (23). Em outra passagem Lutero diz que um pregador “deve ter dentes na boca, morder e salgar e dizer a verdade” (24). Tudo isso pre-

18. Iwand, o. c., pág. 203.

19. WA II, 98,35.

20. Catecismo Maior, em: BSELK, pág. 676,41.

21. WA II, 97,35.

22. Catecismo Menor, em: BSELK, pág. 514,3.

23. Lamentavelmente não me foi mais possível localizar a fonte dessa citação de Lutero.

24. WA XXXII, 402,8.

cisamente não em nome pessoal, justamente sem preocupação pela própria pessoa, pois “vê, assim faz a (própria) Palavra de Deus, que ataca e agride todo mundo . . . senhores e príncipes e cada qual em sua boca . . ., tropeja e relampeja e vira temporal contra montes grandes e poderosos, ataca com tal intensidade que põe fogo e despedaça tudo quanto é grande, portentoso e desobediente” (25).

Do mesmo modo seria um engano supor que Lutero com sua doutrina da justificação somente pela fé fosse indiferente à vida ética do justificado. No Catecismo Menor pergunta como se realiza a santificação do nome de Deus entre nós, e responde: “Se a Palavra de Deus é ensinada reta e puramente, vivendo nós também, como filhos de Deus, santamente em conformidade com ela; para tanto, auxilia-nos, querido Pai celeste. Aquele, porém, que ensina e vive de modo diverso do que ensina a Palavra do Senhor, profana o nome de Deus entre nós; guarda-nos disso, Pai celeste” (26). No Catecismo Maior, Lutero responde que Deus é santificado entre nós, “quando ambas, nossa doutrina e vida, são divinas e cristãs”. Inversamente “ele é por nós profanado com palavras ou com obras” (27).

Em sua importante obra **Da Liberdade do Cristão**, de 1520, Lutero expõe como o serviço ao próximo é por assim dizer o reverso da medalha da libertação em Cristo, que o homem na fé é livre de todas as coisas, mas no amor é servidor de todos. Lutero não se cansa de dizer que na nova vida não há lugar para a ociosidade; a preguiça é por assim dizer pecado capital.

Se mesmo assim ele não deixa de sempre enfaticamente asseverar a ação libertadora e gratuita da Palavra de Deus, então o é também em favor da autenticidade das próprias obras. Pois, como observa, “há duas espécies de obras. Há obras forçadas pelo castigo ou eliciadas pelo agrado e pela recompensa. Outras obras são feitas livre, alegre e gratuitamente, sem medo do castigo e sem ânsia pelo prazer, e sim por puro agrado e prazer no bem. As primeiras são as obras dos servos e alunos, as outras as obras dos filhos e dos herdeiros livres”. Assim consta no Sermonário de 1522, que Lutero redigiu como auxílio aos sacerdotes em seu novo ofício de pregação (28). Lutero ainda observa que na prática é extremamente difícil distinguir umas obras das outras, de tão semelhantes que podem ser, residindo a diferença na motivação do agir, se por ânsia de recompensa ou unicamente para o bem do próximo. “Uma boa obra chama-se de boa, porque é feita para o bem daquele, para o qual é feita, fazendo-lhe bem e ajudando-o. Por que outro motivo deveria chamar-se de boa?” (29) Por isso Lutero destaca enfaticamente que entre o cristão e Deus tudo está em ordem, de modo que não é preciso fazer boas obras para Deus

25. WA XXXII, 398,38 e 399,6.

26. Catecismo Menor, em: BSELK, págs. 512,32—513,2.

27. Catecismo Maior, em: BSELK, pág. 671,13 e 19.

28. WA X/I, 1, 450,2.

29. WA X/I,2, 39,5.



e a seus santos, nem para a igreja, pois “não necessitam disso”, mas sim “aos homens, aos homens, aos homens — não ouves? — aos homens” (30).

Finalmente, como negar que Lutero tivesse sensibilidade social, diante de um texto como o seguinte: “Em todas as travessas, diante de tua porta encontras Cristo. Não olhes boquiaberto para o céu, dizendo: ‘Ah, se eu pudesse ver uma vez Deus, o nosso Senhor, como eu lhe prestaria todos os serviços possíveis!’ ‘Mentes’, diz João em sua epístola, ‘se disseres que amas a Deus, e odeias o próximo que vês necessitado diante de ti.’ . . . Ouve, ó homem miserável: se queres servir a Deus, tu o tens em tua casa, em tua criadagem e em teus filhos . . . Não demitas logo de tua casa os teus empregados e tuas empregadas, se estiverem doentes; com eles pões Cristo na rua. Não ouves Cristo dizer que aquilo que fizeste a um dos pequeninos, ele quer aceitá-lo como feito a ele? . . . Ouve a ele: ‘Cuida para não me deixar de lado. Eu quero ficar bem perto de ti, em cada homem pobre que necessita de tua ajuda e de teu ensino; eu estou bem dentro dele’” (31). E ainda: “Olha para a tua vida. Se não te encontrares, como Cristo no Evangelho, em meio aos pobres e necessitados, então saibas que a tua fé ainda não é verdadeira e que certamente ainda não provaste em ti o favor e a obra de Cristo” (32).

A primazia da Palavra de Deus, em Lutero, implica em tudo isso.

### III

#### Unidade de proclamação e ação

A posição de Lutero, como qualquer outra, deve ser vista numa perspectiva histórica, não dogmatizada e eternizada. Ele mesmo tinha aguda consciência de que a Palavra de Deus jamais é uma propriedade, de modo que pudéssemos ter uma garantia de sua manutenção. Certa vez previu que em vinte anos tudo seria diferente: “As pessoas ficam fartas da Palavra e pensam que permanecerá eternamente”. “Quando os atuais pregadores piedosos, retos, estiverem mortos, então virão outros que pregarão e farão como agrada ao diabo” (33). Em seu contexto, em que o ministério da pregação era mais do que negligenciado, Lutero não se cansou de chamar para a pregação reta e pura do Evangelho. Em nosso século, um renomado teólogo luterano ousou tirar a conclusão aparentemente contrária. Refiro-me a Dietrich Bonhoeffer, executado em campo de concentração, por conspirar contra o nazismo e a vida de Hitler. Em maio de 1944 Bonhoeffer escreve da prisão algumas reflexões, por ocasião do batismo de seu sobrinho

30. WA X/I,2, 40,7-13.

31. WA XX, 514,27-515,29.

32. WA X/I,2, 169,7.

33. WA XXXIII, 417,38 e 28.

e afilhado (34). Aí consta a seguinte frase: “Nosso ser cristão consistirá hoje em duas coisas: orar e fazer a justiça entre os homens” (35). A observação é feita como consolo numa situação em que a Igreja, por ter sido interessada em sua autoconservação, se tornou “incapaz de ser portadora da palavra da reconciliação e da redenção” (36). Sabemos que o próprio Bonhoeffer praticou essa sua recomendação. Em sua cela mantinha a disciplina diária da oração, na prisão empenhava-se pela justiça e o bem entre os detentos. Não proclamava a Palavra. E ainda na véspera de sua execução, imediatamente antes de ser transportado, negava-se a realizar uma hora devocional com pregação, só acedendo quando um preso comunista, com o qual havia intercambiado endereço, se uniu às solicitações dos demais detentos (37).

Também Bonhoeffer se encontra num contexto histórico e portanto sua posição não pode ser dogmatizada. Podemos, porém, nos perguntar se nossa situação no Brasil tem mais analogia com a de Lutero ou com a de Bonhoeffer. Palavras se esvaziam e sua repetição pode nada valer. Mais ainda: onde se rompe a unidade de proclamação e ação, aí as nossas palavras, embora eventualmente certas em seus termos e em sua teologia, não são mais capazes de transmitir a realidade inerente à Palavra de Deus. Na tradição protestante a Palavra tem se transformado em mera doutrina e a vivência cristã em seu assentimento; ou então numa oferta espiritualizada para uma prática piedosa interiorizada. Nem um nem outro corresponde no conceito dinâmico de Palavra de Deus que encontramos em Lutero. A Palavra de Deus leva à ação, mas o efeito de nossas palavras pode ser paralisante.

Lutero também conhecia de certo modo essa realidade. É sabido que polemizou contra a justificação pelas obras. Com igual intensidade, porém, verberou a hipocrisia. Já o homem natural, segundo ele, é essencialmente um hipócrita, ou seja, um ator, que desempenha o papel de ser justo diante de Deus e dos homens. “O pior hipócrita, porém, é o hipócrita piedoso, o santo, o cristão” (38). Com quanta sensibilidade vê Lutero o mecanismo da hipocrisia! Por exemplo, na explicação do Pai Nosso, de 1519, expõe que o nome de Deus é profanado quando se nega Deus ou então quando altivamente se rouba seu nome. Isto é, os hipócritas atribuem-se a si mesmos a justiça e a santidade próprias de Deus, julgando-se melhores do que os demais. Querem, no entanto, egoistamente, ser honrados e admirados. Quando isso não ocorre, ficam furiosos. “São os homens mais perigosos e malvados na cristandade” (39). Gloriam-se de sua bondade, no entanto suas obras são somente arranhar, irritar e ferir. Alegam, no entanto, orar

34. Dietrich Bonhoeffer, *Resistência e Submissão* (Rio de Janeiro, 1968), págs. 142-150.

35. Tradução deficiente *ibidem*, pág. 149.

36. *Ibidem*.

37. Cf. Eberhard Bethge, “Verändern statt neu etablieren”, em: *Lutherische Monatshefte*, julho de 1975, págs. 361-364, e a biografia Eberhard Bethge, Dietrich Bonhoeffer: *Theologe, Christ, Zeitgenosse* (München, 1967), págs. 1036s.

38. Paul Schempp, “Der Mensch Luther als theologisches Problem”, em: *Gesammelte Aufsätze* (München, 1960), pág. 281.

39. WA II, 89,14.

mais, jejuar mais, fazer mais bem do que os outros. Contudo, jamais se comparam com quem pudesse ser melhor do que eles, ao contrário sempre com aqueles que se lhes parecem piores ou menores. E então passam outra vez a julgar, suspeitar, caluniar e desprezar (40), exaltando-se acima dos demais. Esses são ladrões da honra de Deus, porque em vez de empregar seus dons no serviço a seu próximo, os alegam para desprezá-lo. "Através de sua vida boa profanam o nome de Deus mais blasfemamente do que todos os outros com sua vida má" (41). Por fim, enganam-se a si mesmos, dizendo e convencendo-se de que só buscam a honra de Deus, quando em verdade estão envolvidos somente consigo mesmos. "Tão espiritual, fundamental, profundamente são maus" (42). No entanto, ninguém pode lidar com eles. Qualquer oposição interpretam como impedimento da honra de Deus e do bem que eles procuram. "Assim não podem deixar seu maldito julgar e caluniar" (43).

Há, pois, a terrível possibilidade de utilização das palavras, boas palavras como manto de cobertura para ações contraditórias a elas e para o desrespeito a Deus. A tarefa da evangelização é a congruência de nossas ações com nossa proclamação e a congruência de ambas com a Palavra de Deus que é ela mesma ação de libertação em Jesus Cristo. Vivemos, porém, em tempos e situações concretos, em que nem sempre é possível ou sequer desejável estabelecer um equilíbrio quantitativo entre proclamação e ação. Às vezes o ser humano amado de Deus é tão maltratado que tudo clama pela ação decidida dos cristãos. Aí toda palavra será infidelidade ao amor de Cristo. Às vezes somos impotentes e não encontramos chances para a ação. Aí a proclamação descobre a realidade ímpia e cruel à luz da vontade de Deus, desvendando simultaneamente a possibilidade e o oferecimento da graça divina. Outras vezes ainda podemos estar tão manietados que não nos restam nem proclamação nem ação; permanece-nos então a oração como liberdade dos filhos de Deus. Em última análise a congruência entre proclamação e ação, não está em nosso poder estabelecê-la. Para nós trata-se sempre de um risco. Ela se estabelece, contudo, quando nos sujeitamos à palavra-ação de Deus e não resistimos a ela. Nesse sentido a primazia da Palavra de Deus, destacada por Lutero, continua em pleno vigor. Também Bonhoeffer sabia e manteve, a seu modo, tal primazia, ou seja, pela disciplina da oração. A retenção da proclamação da Palavra era a sua forma de arrependimento, em favor daquele dia em que "os homens novamente serão chamados a proferir a Palavra de Deus, de tal maneira que o mundo, sob a sua influência, se transforme e renove" (44).

40. Lutero chega a afirmar que eles não fazem mais do que "sie sich im hertzen und mund mit frembden sunden tragen unnd bescheysszenn" (WA II, 89,33).

41. WA II, 90, 10.

42. WA II, 90, 23.

43. WA II, 90, 34.

44. Bonhoeffer, o. c., pág. 149.

Ademais, a primazia da Palavra de Deus nos conserva a possibilidade da perseverança diante dos aparentes fracassos de nossa ação. Já na explicação do Pai Nosso, de 1519, dizia Lutero: “Não que não se devesse trabalhar por bem ou alimento temporal; mas que se perca a preocupação, como se não pudéssemos ser supridos sem que nos preocupássemos e temêssemos. O trabalho, portanto, deve ocorrer mais para nele servir a Deus e evitar a preguiça... do que para que a gente se consuma em preocupação e temor” (45). Evitar de um lado a preguiça, de outro a preocupação, isso é o que está em jogo na primazia da Palavra de Deus. Aplicado ao nosso contexto: quando estamos naquela situação em que vemos baldados todos os nossos esforços, quando tudo parece em vão e sem sentido, quando temos a impressão de estarmos enjaulados pelas adversidades, o que ocorre conosco? É o momento em que nos assalta a frustração. E a frustração só nos deixa duas alternativas: assumi-la e acomodar-se, adaptar-se aos poderes circundantes; ou combatê-la desesperadamente, criando para tal um absolutismo ideológico. A primazia da Palavra de Deus, e só esta, dá a perseverança simultaneamente contra a preguiça e a angustiada preocupação, contra a acomodação alienante e o fanatismo ideológico. Ela mantém a experiência da cruz, ela leva ao seguimento de Jesus Cristo.

---

45. WA II, 116,35.